

Oi, sou Ângela Coelho, arquiteta e urbanista do Ifes campus Santa Teresa, contarei aqui como foi a minha experiência em fazer mestrado na Universidade de Évora, Portugal.

Há muitos anos já pensava em vivenciar uma experiência no exterior, a escolha de ser na Europa foi baseada no estilo de vida do “velho mundo”, modo de vida que mais me identifico. E a escolha do país, foi basicamente pela língua. Depois de mais de 15 anos de formada, ter que voltar a estudar e ainda em uma língua estrangeira, seria demais pra mim.

Comecei a pesquisar as universidades e mestrados existentes, depois que descobri que não existia mestrado em arquitetura e urbanismo por causa do tratado de Bolonha, procurei todos os cursos que são afins com minha área de trabalho. Li inúmeros programas, planos e depoimentos de ex-alunos. Me identifiquei mais com o curso de arquitectura paisagista, que é um estudo da paisagem, assemelha muito com o nosso planejamento urbano e regional. Após a definição do curso, defini 3 universidades que eu pudesse tentar, li como se fazia os processos seletivos, valores a pagar de mensalidade, custo de vida naquelas cidades, clima local, fotos da cidade e da universidade e outros detalhes.

Percebi que as universidades tinham parcerias com algumas instituições brasileiras, fui a Reitoria do Ifes para pesquisar se tínhamos também ou se havia interesse de fazer alguma parceria. Assim eu poderia receber uma bolsa de estudos. Não havendo nada por parte do Ifes, pesquisei instituições que financiam estudos no exterior. Não me encaixei em nenhum programa. Então resolvi ir com apenas meu salário.

O processo seletivo que participei foi o normal para todos nas 3 universidades escolhidas, isso foi no mês de abril. A documentação brasileira, na época não tinha ainda o tratado de Haia, foi toda autenticada no consulado de Portugal em Belo Horizonte, pois meus documentos são mineiros como eu. Como moro no Espírito Santo, tive que ir ao consulado Português no Rio de Janeiro. Isso complicou a minha vida, pois aconteceu isso em 2016 e estava prestes a acontecer a Olimpíadas do Rio, ou seja, não consegui o visto a tempo para início das aulas em setembro.

Em junho, saíram os resultados, passei nas 3 universidades escolhidas. A decisão de estudar em Évora foi pelo custo da mensalidade a ser paga, o custo de vida na região e o clima agradável do Alentejo.

Foi nesse momento que dei início ao processo de afastamento para mestrado. Tudo deu certo internamente e consegui um afastamento com remuneração.

Outra questão a ser resolvida seria como minha família se encaixaria nisso tudo. Tenho duas filhas, uma estava estudando na universidade e outra no ensino fundamental e ainda tinha o meu marido, professor do Ifes, com doutorado. Pra resumir, a filha mais velha não quis trancar matrícula, a mais nova iria comigo de qualquer jeito e o marido arrumou um pós-doutorado na mesma universidade.

No primeiro momento fui sozinha em setembro, entrei como turista e tinha o direito de ficar apenas 3 meses no país. Quando cheguei lá procurei os serviços de estrangeiros e fronteiras (SEF) para tentar uma autorização para estudante, esse foi o primeiro “baque”. Os portugueses não são conhecidos pela gentileza com estrangeiros que querem permanecer no país. Tudo negado e ainda sofri ameaça de ser deportada! Chorei muito e como estava sozinha, foi um aprendizado e fortalecimento.

Consegui alugar um quarto numa casa de uma senhora e iniciei o curso. Na sala eram 20 alunos, 1 francesa, 1 espanhola, 3 brasileiros e os demais portugueses. A interação foi muito boa em sala de aula, mas fora dali, os portugueses não se misturavam muito com os estrangeiros, claro com algumas exceções. Os professores entendiam, e arrisco dizer que gostavam dos estrangeiros. Foi aí que começaram a saltar as diferenças culturais. O modo de pensar em quase tudo relacionado ao planejamento urbano é muito diferente. A língua, que achei que seria mais fácil, foi um empecilho, no início entendia aproximadamente 60% do que era falado. Tudo isso era visto como parte do processo, era uma vivência muito gratificante para poucas dificuldades. Um colega brasileiro não aguentou essas diferenças e largou o curso, eu não tinha essa opção.

Em dezembro tive que voltar ao Brasil, para não ser deportada, houve compreensão geral pelos professores e universidade que autorizaram que eu fizesse as atividades à distância, apresentei trabalhos por videoconferência até que eu conseguisse voltar com o visto. Em dois meses consegui resolver todo o problema documental, guardei todas as minhas coisas e móveis em cômodos da minha casa, arrumei alguém para cuidar dos meus cachorros, arrumei alguém para morar e cuidar da casa e resumimos nossas vidas em 2 malas de 32kg cada.

Alugamos um apartamento de um quarto, dividimos a área da sala para ser o quarto da minha filha, compramos alguns móveis necessários em lojas de usados e as demais coisas, nas lojas dos chineses. Vivia como estudante, tínhamos 3 pratos, 3 garfos, 3 copos e etc. Aprendi que não precisamos de muito para viver e isso fiz questão de continuar para o resto da vida, tenho o necessário.

O curso fluiu com tropeços e acertos, como tudo na vida. No final já conseguia entender o que diziam em aproximadamente 80%. Vivi a vida local, curtindo os parques, praças, feiras e principalmente a história. Às vezes me sentia dentro do livro de história. No final da estada refleti muito sobre o que eu havia vivenciado e uma frase me veio a cabeça “Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções, eu vivi”. Terminei no prazo pré-determinado e retornei ao Brasil.

Muitos hábitos herdamos dos portugueses, ficou muito claro com essa experiência, mas ficou mais claro que herdamos também muitas coisas dos africanos. Nossos amigos eram brasileiros que conhecemos lá e africanos, principalmente angolanos e moçambicanos. Esses são muito parecidos com os brasileiros no jeito de ser, de sentir a vida e de superação das dificuldades.

Como consegui ver as coisas de forma mais ampla, pela diversidade de modo de pensar a paisagem, consegui aplicar isso ao meu trabalho no Ifes, tudo tem uma pegada mais sustentável, menos “quadradinha”.

Pra finalizar, sou muito grata a essa oportunidade de ter vivido isso. Valeu muito! Pretendo voltar para fazer o doutorado, assim que possível.